

POR DENTRO DA INVASÃO QUE DESAFIA O GOVERNO



Moradores da cidade que aprendeu com o PT as táticas da resistência se transformam num exército em vigília permanente

SAMANTA SALLUM

Aestrutural é uma “cidade” que dorme em permanente estado de alerta. Para o estranho que chega lá, no início da noite, não há nada com que se assustar. A invasão pode até ser comparada com uma pacata cidadezinha do interior. Luz de lampião, famílias reunidas para o jantar, igrejinhas evangélicas realizando seus cultos e alguns trabalhadores nos bares improvisados jogando sinuca. Tudo tranquilo. Mas, em minutos, o clima pode mudar. O sinal de alerta é dado pelos fogos de artifício. É a polícia chegando de surpresa. Um exército sai às ruas tortas e esburacadas preparado para expulsar “os invasores”.

Foi o que ocorreu na última quinta-feira, 10h00 da noite, quando três carros da Polícia Militar, junto com uma fiscal do GDF, chegaram para apreender mais um caminhão com material de construção estacionado numa casa vizinha à Associação de Moradores da Estrutural. Marlene Mendes, a líder dos invasores, foi imediatamente comunicada sobre a presença da polícia. Como sempre, ela enfrenta os policiais e impede a retirada do caminhão. Também avisa à polícia sobre a presença da imprensa no local. Enquanto isso, fogos de artifício estalam no céu para alertar a comunidade que, em questão de segundos, se prepara para uma guerra.

Alerta - Os policiais e a fiscal desistem e vão embora. Essa é a rotina da Estrutural. Revoltados, os moradores

dizem que se sentem ameaçados pelos policiais. “Não podemos jantar, nem dormir direito. Toda noite, esperamos alguma operação surpresa da polícia. Eles já vieram aqui até encapuzados. Com certeza, não tinham boa intenção”, diz Andrei Roberto da Silva, um dos moradores da Estrutural.

Nesse momento, apenas uma pessoa - a xerife Marlene Mendes - consegue acalmar os ânimos. O que não acontece com facilidade. Do outro lado da invasão, próximo ao viaduto da Via Estrutural, ficam de prontidão os policiais militares. “Nosso trabalho agora é só observar se eles vão novamente fechar a via.” diz o tenente Hollanda.

O tenente acaba confirmando que estava programada uma operação, junto com a fiscal do GDF, naquela noite. “Apenas acompanhamos a ação da fiscal. Devido ao tumulto provocado, determinei a retirada. Não vou colocar um dos meus homens em risco. Isso aqui está parecendo uma das favelas do Rio de Janeiro”.

Operação - O tenente ainda explicou que a operação é do GDF. “Não fazemos nenhuma ação sem ordens superiores. Não pretendíamos causar tumulto e nem invadir a casa de ninguém”, diz ele. A PM também não pretende ocupar o Posto Policial, que foi queimado e depois reconstruído pelos moradores.

Os moradores acham que é revanche. “Eles não querem aceitar por vingança. Quando pedíamos socorro a eles, nunca quiseram nos ajudar”, diz Andrei da Silva.